



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO  
inconveniente

## Um ano de “banha da cobra”



Está preparado para um ano de campanha eleitoral? Quem esteve de férias nas últimas semanas certamente não reparou, mas a pré-campanha para as eleições regionais, em Outubro do próximo ano, há muito que está na rua.

O frenesim que se vê nos partidos e na coligação governamental tem aumentado de intensidade por estes dias e o pensamento não está apenas nas eleições de 2024. É que ainda há o risco de termos eleições antecipadas, se o próximo Orçamento Regional não for aprovado em Novembro.

Tanto o Iniciativa Liberal como o Chega têm dado sinais, no terreno, de um endurecimento contra a governação.

José Manuel Bolieiro já percebeu que, nesta ponta final da legislatura, vai ter que fazer um contorcionismo muito mais apurado para com aqueles dois partidos na negociação para o próximo Orçamento, pois nenhum deles quer ficar “amarrado” à coligação, para ter a liberdade de tentar captar os eleitores descontentes.

O partido de Nuno Barata é o que adoptou mais cedo a estratégia de descolagem, enquanto que José Pacheco, ainda visto como “bengala” da coligação, endureceu o discurso e é muito provável que a sua estratégia esteja dependente do resultado das eleições na Madeira, no próximo dia 24 deste mês.

Se o Chega obtiver um bom resultado na Madeira - e um bom resultado é ser o partido charneira para a coligação ou o PS formarem governo -, o mais certo é que André Ventura se veja tentado a querer eleições antecipadas nos Açores e ganhar embalagem para as europeias.

O risco desta estratégia é os eleitores açorianos não perdoarem a criação de mais uma crise, sendo que os partidos da coligação apontariam baterias ao Chega como principal causador dos atrasos na aplicação dos fundos comunitários, investimentos dependentes de fundos do PRR, privatização da Azores Airlines e por aí fora.

Se o Orçamento Regional passar em Novembro, então a coligação terá um reforço para a recta final, já que o documento - a ser preparado pelos principais líderes da coligação - vai trazer algumas novidades no capítulo de investimentos públicos e algumas respostas a exigências de franjas do eleitorado, sobretudo em S. Miguel.

Bolieiro já está na rua há muito tempo, a pedido dos seus colegas sociais-democratas, assoberbados com críticas dos autarcas, e porque Artur Lima e Paulo Estêvão finalmente perceberam que é ele o ‘ganha-pão’ para as próximas eleições. Nem era preciso encomendar um estudo de popularidade, para perceber que Bolieiro é o único que está em boa conta nos barómetros até agora conhecidos.

Vamos assistir a muitas adjudicações de obras que toquem na sensibilidade dos eleitores, como a habitação social, de que são exemplo as 23 moradias dos Foros, em Vila Franca, no âmbito do PRR, que dispõe de milhões a rodos para vários empreendimentos, já elencados pela equipa de Artur Lima, um exímio organizador de campanhas.

A área da saúde vai ter uma atenção especial e não é por acaso que Bolieiro se deslocou à Lagoa, qual lança em África, para anunciar em terreno socialista a criação de um Centro de Saúde, obtendo como cereja em cima do bolo os elogios da autarca socialista local.

Há, por outro lado, algumas inaugurações programadas, como foi a do Portal do Vento nas Sete Cidades, e quando não houver nada para inaugurar haverá o anúncio de novas obras emblemáticas, como a provável construção de um novo molhe no porto de Ponta Delgada, novas tarifas para estudantes ou até mesmo (há quem faça força por isso no aparelho do PSD) o aluguer de um barco de passageiros e viaturas no Verão para operar entre S. Miguel e Santa Maria.

A partir de janeiro a carteira dos avultados fundos comunitários, a que se junta o PRR, começará a jorrar pelas várias ilhas, com muitos anúncios de investimentos.

O PS já começou a perceber que a campanha vai estar noutra dimensão e passou para outra estratégia, a de enfraquecer os resultados da governação, também na rua, em vez de fazer oposição apenas na bolha das redes sociais.

Esta campanha vai ter apenas dois rostos: Bolieiro e Vasco Cordeiro.

O primeiro a pedir uma nova oportunidade para consolidar as suas propostas políticas e programáticas a longo prazo, à semelhança do

que os eleitores fizeram com os sucessivos governos do PS, e o segundo a focar-se nos erros cometidos pela coligação, com a lição bem estudada sobre os pontos cruciais em que a coligação falhou.

O problema é que Vasco Cordeiro vai estar demasiado exposto e o desgaste que lhe estão a preparar começa nesta ‘rentrée’, já a partir da próxima sexta-feira, com o início da Comissão Parlamentar de Inquérito à SATA, que se vai arrastar por longos meses, ouvindo vários intervenientes, e em que a governação do PS e de Vasco Cordeiro vai estar sempre presente, num desgaste programado, à semelhança do que aconteceu com António Costa e o seu governo na comissão parlamentar da TAP.

Será uma espécie de “elefante na sala” neste arranque eleitoral, onde haverá muitas acusações, negócios de amigos, falências, culpas, nomeações e muito ruído para desgastar a oposição.

O PS, por sua vez, vai explorar até à exaustão o caso da Ryanair, os resultados da reestruturação da SATA, que são outro falhanço, as trapalhadas de alguns governantes, o caso da Saúde, o aumento do custo de vida, a ausência de investimentos e de apoios às empresas e o recorde da dívida pública.

Vasco Cordeiro parte, no entanto, para esta contenda com algumas desvantagens: não possui uma equipa de muitos talentos - é sempre difícil, na oposição, captar novos rostos e novos cérebros, sobretudo novos candidatos a deputado -, e não possui internamente uma grande dinâmica para mobilizar militantes, até porque alguns socialistas gostariam mais de o ver a candidatar-se nas europeias e deixar caminho livre para Francisco César.

Mas já é tarde e Vasco Cordeiro quer mesmo tirar a prova dos nove, numa espécie de teimosia com o eleitorado, a querer mostrar que é possível recuperar os quase dez mil votos que perdeu nos dois mandatos que fez à frente do governo.

Se não o conseguiu enquanto governo, será certamente mais difícil na oposição.

Seja como for, é uma atitude de coragem política, que faz parte do seu carácter, mas ele também sabe que, se perder, ou não conseguir formar governo, como em 2020, será o fim da sua liderança e, mais provável, o fim da carreira política internamente.

Só mais duas notas de análise e de opinião de quem observa e acompanha estas coisas há muitas dezenas de anos.

Primeira, a campanha vai estar muito centrada em S. Miguel, onde os partidos da oposição sabem que há um grande descontentamento com a coligação e mais eleitorado indeciso.

E segunda, não haverá grandes novidades de novos candidatos parlamentares nos partidos tradicionais, porque não se renovaram, os rostos do aparelho são quase sempre os mesmos, o discurso não se inovou e o trabalho parlamentar foi o que se viu, para uma Assembleia Regional que já vai nos 15 milhões de euros.

Em resumo, se o eleitor está à espera de um ano eleitoral recheado de propostas inovadoras e surpreendentes, novas ideias e novos rostos, o melhor é esperar sentado.

Será mais do mesmo, à mistura com muita “banha da cobra”.